

“O que sei?”: um ensaio sobre o professor que espero ser

Rafael Frizzo¹

Confesso andar confuso com minhas ideias. Foi um semestre de conteúdos distintos em disciplinas diversas: *Rio Grande do Sul*, *Cultura Material*, *Pesquisadores x Fontes*, *Televisão & História*, *Metodologia do Ensino Superior* e algumas leituras poéticas como alternativa para “viajar”. Imerso por esse pacote de informações surgia à proposta de avaliação da disciplina transversal de *Metodologia do Ensino Superior*, como o objetivo de descrever um pequeno ensaio com as expectativas de tornar-me um professor – e que tipo de professor. A exposição dessas ideias foi instigada pela professora Dr. Maria Inês Côrte Vitória, uma verdadeira educadora de sonhos a qual tive o privilégio de ser aluno no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS. Provavelmente, jamais terei essa oportunidade novamente, de escrever sobre esse tempo, sobretudo de forma subjetiva quanto às angústias de minhas escolhas. Por isso, também, este ensaio é fruto de suas aulas reflexivas, pautadas por uma ementa carregada de ressignificações sobre o processo educativo, desde seus fundamentos e definições como ensino e aprendizagem, incidindo por análises do caráter e compromisso na docência, visando práticas pedagógicas críticas, emancipatórias e humanizadoras.

Descobrimo uma antiga forma de escrever

*Criar é sair do chão com um pulo
Por sobre o muro da morte
E cair de pé num campo aberto
Vivo e forte
Cair de pé em um campo aberto
Vivo e forte
(Criar, Carlinhos Hartlieb)*

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História - PPGH/PUCRS (2012-2014). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

A confusão não se concentrava apenas no campo das ideias, ia além, incluindo o modo sobre como escrever. Minha formação de escrita, até então, foi orientada por um cunho acadêmico rígido, formatado por padrões de textos de artigos e monografias. Uma linguagem culta e necessária, porém, repleta de apontamentos sobre fontes, notas de rodapé, citação de páginas e todo o tipo de noção que, a meu ver, acaba por limitar a expressão. Foi quando recebi em mãos da professora o texto intitulado *Um ensaio sobre ensaios*, escrito por um historiador, o inglês Peter Burke (2001) que, de forma brilhante e sucinta, retoma o histórico da escrita dos “ensaios” e o responsável por iniciar a tradição no ano de 1580, o francês Michel de Montaigne (1533-1592). Reflexionando a ideia de que nossas convicções são provisórias, como todo escrito não são mais do que formas de se pensar em voz alta, Burke destaca em Montaigne o feliz princípio pela opção da pergunta *o que sei?*, uma forma clara de expressar as particularidades das mais diversas “visões de mundo”, com o significado de escritos em dimensões reduzidas e, por vezes, ligeiras e superficiais, produzidas para uma determinada ocasião. A partir dessa orientação, optei também por escrever sobre *o que sei?*, neste caso, sobre o professor que espero ser.

Que professor imagino estar me tornando?

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

(A utopia, Eduardo Galeano)

Uma das questões propostas para esta reflexão permeava a ideia sobre o professor que imagino estar me tornando. Ao me questionar sobre o assunto, resolvi recorrer à outra indicação da professora, quanto à releitura de um dos textos trabalhados em suas aulas. Dessa forma, busquei compreender um pouco do perfil de professor que o presente oferece a minha geração e, conseqüentemente, estou me tornando. Seguindo as ideias do professor Marcos Villela Pereira (2011) sobre a gênese e a hegemonia global do Ensino Superior, vivemos relativas mudanças ao modo de como a sociedade está se relacionando com o próprio conhecimento. Conforme o mesmo educador, a geração que faço

parte, no âmbito do espaço acadêmico proposto para o século XXI, teve seu contexto delineado pelos rumos contemporâneos que a educação atingiu a partir de dois grandes eventos realizados na Europa: a Conferência da Unesco para a Educação Superior (1998) e a Convenção de Bolonha (1999). Além às críticas do cenário neoliberal em torno da União Europeia do período, os processos políticos de reformas institucionais discutidas e propostas colocaram a Europa como matriz central e a frente dos serviços educativos a serem seguidos – em contraponto ao modelo norte-americano também vigente. Mesmo com severas críticas por seu teor “colonialista e etnocêntrico”, nos anos subsequentes aos primeiros encontros, reuniões ministeriais aconteceram em diferentes cidades europeias com objetivos claros de avaliação e novas propostas de ajustes que, de forma positiva ou negativa, acabaram por nortear os parâmetros educacionais nacionais em que faço parte como aluno deste novo milênio.

Pouco antes de entrar na universidade, era realizado em Praga o encontro de 2001. Entre as linhas de ação acrescentadas naquele evento, estavam preocupações voltadas para um maior envolvimento entre os estudantes e a gestão das instituições de ensino, com ampla promoção do princípio de *lifelong learning* – uma contínua aprendizagem ao longo da vida. Afirmava-se o conceito de que a formação não acaba com a graduação, mas que deve ser aperfeiçoada, atualizada e constantemente desenvolvida. Quando ingressei nos bancos universitários, em 2003, Berlim sediava o seu encontro pautando um maior envolvimento entre o ensino e a pesquisa, num princípio de maior investimento em relação às competências universais. Em 2009, as reuniões chegavam a Louvain, completando o ciclo de uma década (1999-2009), visando o aperfeiçoamento de metas há serem atingidas até o ano 2020, com ênfase à maximização das capacidades de todos os cidadãos, de forma inclusiva e engajada a aprendizagem, não só para o desenvolvimento das capacidades necessárias em um mundo cada vez mais dinâmico, competitivo e de transformações, mas também para a formação de cidadãos ativos e socialmente responsáveis. Paralelamente, no ano de 2009, outra conferência mundial era

realizada pela UNESCO, recobrando os princípios do primeiro encontro de 1998, cujo tema central era uma “nova dinâmica da Educação Superior e a pesquisa para mudança social e o desenvolvimento”. O compromisso central do evento foi reafirmar a Educação Superior como bem público e força agregadora para construção de uma sociedade de conhecimento, voltada à inclusão da diversidade com objetivos claros e sustentáveis para o desenvolvimento econômico e social. Em sínteses gerais, o papel da conjuntura de educação que recebi, em tese, foi a de formar pessoas criativas e inovadoras, com sólidos valores e bases humanas e sociais, as quais devem estar dispostas a formação-em-prática, como avalia o educador consultado.

Após essa breve retomada sobre o tipo de escrita e diálogo com alguns aspectos da geração que faço parte, a fim de compreender um pouco mais sobre de onde falo, escreverei um pouco mais, porém, sobre o que sei de mim.

Que professor quero me tornar?

Paris, 17 de fevereiro de 1903
[...] Pois bem – usando da licença que me deu de aconselhá-lo – peço-lhe que deixe tudo isso. O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar, - ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado escrever? Isto acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranquila de sua noite: “Sou mesmo forçado a escrever?”. Escave dentro de si uma resposta profunda. Se for afirmativa, se puder contestar àquela pergunta severa por um forte e simples “sou”, então construa a sua vida de acordo com esta necessidade [...] Aproxime-se da natureza. Depois procure, como se fosse o primeiro homem, dizer o que vê, vive, ama e perde. Não escreva poesia de amor. Evite de início as formas usuais e demasiado comuns: são essas as mais difíceis, pois precisa-se de uma força grande e amadurecida para se produzir algo de pessoal num domínio em que sobram tradições boas, algumas brilhantes. Eis por que deve fugir dos motivos gerais para aqueles que a sua própria existência cotidiana lhe oferece; relate suas magoas e seus desejos, seus pensamentos passageiros, sua fé em qualquer beleza – relate tudo isto com íntima e humilde sinceridade. (Cartas a um jovem poeta, Rainer Maria Rilke)

Por grande parte da graduação, dediquei meus estudos ao conhecimento dos povos indígenas originários das Américas, especialmente aos grupos que habitaram as terras do Rio Grande do Sul no passado. Por questões

teóricas de delimitação espacial e temporal, nos últimos oito anos, entre o bacharelado e a licenciatura em História, esses antecedentes indígenas guiaram minhas leituras e pesquisas numa espécie de contato com “índios mortos”, sem ultrapassarem os conceitos de um objeto científico, materializados apenas por textos escritos em esparsas bibliografias ou por fragmentos de artefatos arqueológicos distantes ao meu tempo por centenas e até milhares de anos.

Com duas trocas culturais vivenciadas neste mesmo semestre, uma espécie de crise indenitária demarcaria meus “pré-históricos” objetos de pesquisa e, conseqüentemente, mudariam os rumos e problemas de minha trajetória acadêmica.

Em função do *VI Encontro Estadual de Povos Indígenas do Rio Grande do Sul*, realizado pelo Museu Antropológico do Estado, entre os dias 25, 26 e 27 de setembro, em Porto Alegre, distintas falas étnicas me emocionaram, despertando uma profunda angústia relacionada às práticas pedagógicas de ensino que havia aprendido via licenciatura acadêmica e desenvolvido como professor de Ensino de Jovens e Adultos nos dois últimos anos. Um grande descompasso em torno de meus objetivos acadêmicos e a realidade dos coletivos indígenas contemporâneos no tempo presente, pela primeira vez, ativaram uma sensibilidade que até então não havia vivenciado.

Ouvindo das vozes emanadas por falas de diferentes lideranças indígenas, que criticavam o modo de aprendizagem de nosso povo letrado, onde o que aprendemos esta essencialmente no papel – o mesmo que aceita qualquer coisa que nele se escreva sem qualquer compreensão – e que por isso também desaprendermos a ouvir e a compreender a partir da oralidade, minha atenção foi prendida quanto à forma que eles relatavam ensinar os seus filhos. Diferente ao modelo de disciplinas delimitadas pelos ponteiros das horas, para esses índios – vivos e que habitam os mais diversos recantos de nossa terra – suas capacidades de sobrevivência e recriação são fruto de ensinamentos milenares, em que suas bases estão na sutileza e mudança de cada dia, no respeito à vida, em suas diferentes manifestações e espiritualidades, no resgate dos valores ancestrais, com muita paciência, sem que se perca a ternura e

esperança. Desse modo, cada fala me perturbava, enquanto tomava nota em minha agenda alguns de seus posicionamentos, como *“Desde a creche as crianças são preparadas para o mercado de trabalho, não para a vida, e nós (índios) não conseguimos entender isso.”* (Vherá Poty, Povo Mbya Guarani); *“Desde quando precisamos estar fechados para o conhecimento existir? A verdadeira escola é a própria vida, a educação se dá em casa e não fora!”* (Neli Teixeira, Povo Xokleng Zagaua); ou ainda um intrigante *“Se o mundo é redondo, por que as escolas estão entre paredes quadradas?”* (Angela Charrua, Povo Charrua). Inevitavelmente, sai daquele encontro tocado e, enquanto me dirigia para casa, não parava de pensar sobre os rumos e objetivos de meu mestrado.

Motivado pela mudança de percepção do último encontro, arrumei minhas malas e subi a Florianópolis para participar do *I Simpósio de Arqueologia, Memória e História Indígena*, realizado entre os dias 7, 8 e 9 de novembro, na Universidade Federal de Florianópolis. Chegando lá a pedrada não foi diferente, aliás, deu no meio de meu ego. Como propostas de eixos temáticos voltados as problemáticas conflitantes entre o conhecimento científicos e as populações tradicionais; enfocando experiências de projetos de pesquisa colaborativa para a construção de um conhecimento multivocacional; o papel do pesquisador em laudos históricos, arqueológicos e antropológicos para a realização da delimitação de terras indígenas; o papel dos museus na reflexão de reconstruções de significados a partir dos diferentes contextos de aldeias; e a própria questão da educação indígena que naquela universidade tem espaço para um curso específico de licenciatura aos coletivos da região – voltei decidido em não abrir mão de meu conhecimento, mas em querer transforma-lo em algo útil aos descendentes indígenas de meu tempo. Afinal: Que história é essa que estou construindo? Para que e para quem serve o meu conhecimento? Para mim e meu orientador? Para uma nota e conceito acadêmico? Ou para agregar conhecimento à afirmação da “responsabilidade social” na Educação Superior – com bem público – tão presente no discurso de meu tempo, em promover o pensamento autônomo e crítico de cidadãos comprometidos com a

paz e cada vez mais engajados socialmente? como avalia o educador Marcos Vilella Pereira.

Com isso, o atual problema de minha pesquisa passou a transformar o conhecimento da História Indígena que, continuo propor a estudar, aos coletivos indígenas locais. Transformar os objetos de minha pesquisa em sujeitos de minha história. E, pensando adiante, romper com os limites de uma velha história, ligar-me e dedicar-me efetivamente a educação e, quem sabe, propor uma prática pedagógica nas aldeias a partir do conhecimento que construí e irei assumir como professor concursado do Estado nas aldeias Guarais no litoral. Provavelmente ainda ando um tanto confuso, mas tenho certeza de que minha preocupação hoje é motivada pela vivencia e observação com o desenvolvimento de uma relação mais humana com índios que efetivamente necessitam de meu conhecimento: seja para legitimarem suas terras, ou simplesmente para auxiliar a inclusão de seus filhos em uma pátria que jamais deixou de excluí-los.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Um ensaio sobre ensaios**. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1305200113.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2012.

PEREIRA, Marcos Vilella. O lugar da prática na globalização da educação superior. **Educação em Revista** Belo Horizonte, v. 27, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2012.